



### POBRE MARGARIDA!

Ficara sem mãe a infeliz creança. Desde então começaram para ella os trabalhos da vida. O pae era um pobre fazendeiro, que levava todo o dia agarrado ao cabo da enxada, ou á rabiça do arado, para poder ganhar o pão dos filhos. Mal rompia a manhã, lá ia elle para o campo; e então a nossa Margarida, que era já uma mulhersinha, começava nas lides da casa, não se poupando a cansieiras, apesar de não contar mais de doze annos.

Os irmãositos, tres traquinas de cinco a oito annos, é que lhe davam deveras que fazer. Ferriam as maldades, sujavam as mãos e a cara, rasgavam o fato; ella ralhava com elles, mas os diabretes não faziam caso, não lhe tinham respeito. Se o pae, ao recolher do trabalho, os visse sujos e rotos, batia-lhes, e era isso que a bondosa Margarida queria evitar.

— Bem lhes basta não terem mãe! — pensava commovida, chegando quasi a esquecer-se,

tanto era o seu amor pelos irmãos, que era ella a principal victima da orphandade!

É que o pae, desde que lhe morrera a mulher, tornara-se taciturno, rabugento, implicando por tudo, castigando os filhos por qualquer coisa.

A pobre Margarida estava sempre em sustos, não tanto por si, como pelos irmãosinhos, de quem era muito amiga.

Ainda o meio-dia vinha longe, e já ella tinha preparado o modesto jantar que devia levar ao pae. Infelizmente, no dia de que tratamos, não lhe valeu a sua habitual previdencia.

Eis como o caso se passara: os irmãosinhos da cuidadosa Margarida andavam brincando na cosinha, em quanto ella tratava dos arranjos da casa. Tinham agarrado em algumas cebolas, e, sentados no chão, cada um em seu sitio, faziam-nas rebolar, no meio de grande algazarra.

— Atira para cá — dizia um.

— Lá vae!

— Surriada que não apanhaste!

E as cebolas andavam n'uma dobadoira, girando por aquelle chão que nem as bolas n'um bilhar.

A brincadeira foi-se animando; e, por fim, os garotitos já não se contentavam em fazer rebolar as cebolas; atiravam-nas pelo ar, e quando algum dos traquinas não conseguia apanhal-a, os outros dois faziam-lhe uma grande *troça*.

D'uma das vezes, porém, o caso foi mais serio. O mais velhito dos tres irmãos distrahiu-se um pouco, de modo que não pôde apanhar a cebola, e o peor é que ella lhe foi bater mesmo em cheio no nariz! Então é que os outros fizeram uma estrondosa çaçada.

O rapazito enfurece-se com a risota e com a dôr que sente ainda no nariz, e grita desesperado:

— Vê lá se apanhas esta!

E zaz! atira com toda a força a cebola ao irmão; este baixou rapidamente a cabeça, para evitar a pancada, a cebola segue para diante, e vae bater no tacho que estava ao lume com o jantar, quebrando-o n'uns poucos de bocados!...

Ouvindo a bulha dos cácos partidos, a pobre Margarida veiu logo ver o que succedera. Imagine-se como ella ficou ao presenciarem o desastre! O caldo todo tornardo, o tocinho a chiar sobre as brazas, o jantar perdido!

Os tres irmãosinhos choravam a bom chorar, n'um berreiro de ensurdecer.

— Valha-me Deus! — foi só o que disse a bondosa rapariga.

Depois informou-se do caso, e reprehendeu o mano mais velho por ter tentado fazer mal ao irmãosinho.

— Vês o resultado que se tira da gente ser vingativo? Se não quizessees fazer mal ao *Zézinho*, não tinha acontecido esta desgraça! E agora? como hei de eu levar o jantar ao pae?... Valha-me Nossa Senhora!

A pobre Margarida estava deveras afflicta. As lagrimas começaram a correr-lhe pelas faces. Afinal, cobrando um pouco de animo, foi ter com a visinha do lado, contou-lhe o desastre, e

pediu-lhe pelo amor de Deus que lhe emprestasse um tacho e um bocado de tocinho, mas que não dissesse nada ao pae, que seria capaz de matar os rapazes com pancada.

A visinha, uma boa mulher, satisfez o pedido, e a Margarida foi immediatamente pôr ao lume outro jantar. Mas em que afflicções ella estava, coitada! A manhã ia muito adiantada, d'alli a pouco era meio-dia, e o jantar não estava prompto! Quem havia de aturar o pae!

A pobre Margarida atafalhava a fornalha de lenha até mais não poder; abanava o lume, soprava-o, não descansava um momento.

De repente, o sino da aldeia bateu as doze badaladas do meio-dia.

Margarida fez-se muito pallida. Parecia que cada badalada lhe era dada no coração.

— E o pae lá a espera do jantar!

Não quiz saber se o caldo estava prompto ou não: deitou-o sobre as sôphas, pôz por cima um pedaço do tocinho, embrulhou o tacho n'um panno, metteu-o no cabaz, e sahiu pela porta fóra quasi a correr.

O campo onde o pae trabalhava ficava um pouco distante. Na carreira em que ia, a pobre Margarida, ao chegar á ermida da Senhora dos Afflictos, estava quasi sem forças, mal podia respirar.

Parou um momento para tomar o folego, mesmo de frente da ermida, cuja porta estava fechada. Então, ajoelhou no primeiro degrau da entrada, tirou o seu chapelinho de palha, pôz ao lado o cabaz com o jantar, e, n'uma grande devoção, supplicou em voz alta á Senhora dos Afflictos que abrandasse o coração do pae, que fizesse com que elle desculpasse a demora do jantar, não batesse nos irmãosinhos, e se tornasse tão meigo como era antes da mãe morrer.

Depois, um tanto consolada, levantou-se, e ao voltar-se para proseguir no caminho, ficou como que assombrada.

Estava alli o pae, de pé, chapeu na mão, chorando como uma creança.

Margarida correu para elle, afim de lhe pedir perdão; mas não teve tempo de proferir uma palavra: porque o pae apertou-a nos braços, e começou a beijal-a muito commovido.

Explicquemos o facto. Ouvindo dar meio-dia, o pae da Margarida largou o trabalho, e ficou muito admirado de não ver a rapariga com o jantar. Enfureceu-se logo, como era seu costume desde certo tempo, e partiu immediatamente como um foguete pela azinhaga fóra, ao encontro da filha, jurando-lhe pela pelle. Mas, ao chegar ao largo da ermida, viu a Margarida ajoelhada, e sentiu um aperto no coração. Não lhe gritou de longe, soltando alguma praga, como seria de esperar, antes se aproximou de mansinho, podendo ouvir a prece que a pobre creança dirigia á Virgem.

E n'aquelle instante jurou mudar de caracter, porque os seus pobres filhinhos não tinham culpa de elle ter perdido a esposa querida, elles, coitadinhos, que tinham perdido a mãe!

## OS DOIS MACHOS

(FABULA DE LAFONTAINE)

A par de outro caminhava  
Um macho muito arrogante :  
Aquelle, trigo levava,  
Este, dinheiro sonante.

O da chelpa cubiçada  
Movia orgulhoso a anca,  
Soar fazendo na estrada  
Guizos da sua retranca.

Mas logo pelo diacho  
Aparecem uns ladrões,  
Que as mãos ao freio do macho  
Deitam com feias tenções.

Já se vê — ao do thesouro :  
Tu sabes, leitor amigo,  
Que ladrões, se encontram ouro,  
Não fazem caso de trigo.

Quer defender-se o muar,  
Por ter brioso capricho,  
Mas só consegue apanhar  
Paulada de crear bicho.

Ao ver isto o camarada :  
Que com pau se não governa,  
Mostra amor ter á lombada  
E vae-se pondo na perna.

E diz : — Se o teu patrão fôra  
O pobre moleiro Froes,  
Não te verias agora  
Mettido em tão maus lenções !

J. I. D'ARAÚJO.

## AS PERGUNTAS DE SUSANA

POR EMILIO DESBEAUX

(Continuado do numero antecedente)

### CAPITULO XX

DE MARSELHA A PARIS  
O TELEGRAMMA E A ELECTRICIDADE

No dia 15 de fevereiro, a nossa Susaninha entrou pela manhã no quarto da sua mamã, e encontrou lá com ella o avôsinho e o mano Paulo.

Todos mostravam no rosto uma intima satisfação. Era evidente que chegara alguma boa noticia. Os tres olhavam para a pequenita, esperando que ella fallasse. Pareciam querer de-lhe adivinhar o motivo d'aquella alegria.

Antes de fallar, Susana reflectiu um momento. Que podia produzir uma alegria tão manifesta? O regresso do seu querido papá! Era isto por força. Abriu, pois, desmedidamente os olhos, e aproximando-se rapidamente da mamã, exclamou:

- Chegou o papá!...
- Não, minha filha, — respondeu com bon-do sorriso a senhora de Sannois — teu pae ainda não chegou; mas já está em França, e esta noite...
- Estará aqui?
- Assim espero.
- Oh! que felicidade! — gritou a pequenita.

— Olha: lê este telegramma, que recebi hontem á meia noite, quando tu estavas já a dormir.

A Susaninha leu o seguinte:

Marselha — 14 — 2.<sup>o</sup> g h. e 50 m. da tarde.

«Sigo no expresso das 10 h. Estarei Paris amanhã 5 h. 40 tarde.

«De Sannois.»

— O papá estará em Paris ás 5 horas e 40 minutos da tarde! — exclamou a pequenita.  
— Vamos esperal-o á estação, não é verdade, mamãsinha?

— De certo!

A senhora de Sannois foi preparar tudo para receber o dono da casa, e Paulo sahiu, não só por causa do seu serviço, como para dar parte á sr.<sup>a</sup> de Montlour e a sua filha Thereza da chegada de seu pae, chegada que se esperava com a maior impaciencia, como era natural. Susana ficara, pois, sósinha com o avô. Tinha ainda na mão o telegramma que a mamã lhe confiara, e mirava e remirava o papel, lendo-o repetidas vezes, até que, por fim, perguntou:

— O avosinho, a que horas chegou este telegramma?

— A meia noite.

— E partiu de Marselha...?

— Dez minutos antes de teu pae partir no comboio das dez horas.

— N'esse caso, — observou a pequenita, depois de pensar um momento — levou duas horas e dez minutos a chegar aqui?

— Justamente.

— E que tempo gastará o papá?

— Dezesete horas e quarenta minutos.

— Tanto tempo!

— Mas é que é muito grande a distancia de Marselha a Paris. Nada menos de 863 kilometros.

— 863 kilometros! — repetiu a pequenita com um certo desdem.

De facto, que era aquella distancia comparada com a do sol e dos planetas?

A pequenita ficou calada um instante, e depois disse:

— Foi pelo telegrapho que chegou a noticia?

— Foi.

— E porque é que o papá não veio tambem pelo telegrapho?

O sr. de Beaucourt não pôde deixar de sorrir.

— Porque ainda se não descobriu o meio de viajar pela electricidade — respondeu elle. — Por em quanto, temos de contentar-nos, nas nossas viagens, com o auxilio do vapor.

— Que pena! — murmurou Susana. — E não se poderá descobrir o tal meio?

— Não é impossivel.

— Mas o que vem a ser essa tal electricidade que nos pode enviar um boçado de papel, e não pode trazer-nos o papá?

— Estás em grande erro, minha filha: não foi a electricidade que nos trouxe esse pedaço de papel que tens na mão, esse telegramma.

— O quê?!



... divertimento favorito das meninas japonezas

— Telegramma quer dizer : escripto que vem de longe ; e é sómente o escripto que vem, não o papel. Se não fosse assim, nunca mandaríamos as nossas cartas pelo correio, mas sim pelo telegrapho, que é muito mais rapido.

— E o que quer dizer telegrapho ?

— Telegrapho e telegramma vêm de duas palavras gregas, que significam : escrever longe.

— Sim, escrever de longe por meio da electricidade. Mas o que é electricidade ?

— A electricidade é uma das forças da natureza ; mas, até hoje, apenas se lhe conhecem os efeitos. Os relampagos, o raio, o trovão, são effeitos da electricidade. Olha lá, tu sabes o que é o iman ?

— Sei : é um bocado de ferro que tem o

condão de attrahir outro bocado de ferro. Então não te lembras, avôsinho, que tu mesmo me dêste uns peixinhos japonezes de ferro, que eu pescava á linha dentro d'uma bacia d'agua? E até me disseste que era um divertimento muito favorito das meninas japonezas da minha idade.

— Tens razão; e o anzol da linha era um iman. Mas não é só o iman que tem o poder de attrahir certos objectos; o ambar, por exemplo, possui tambem essa propriedade.

— O ambar?

— Sim, aquella materia amarella de que é feita a boquiilha de teu irmão.

— Espera, espera, avôsinho.

E a pequenita, deixando o avô muito espantado por aquella repentina retirada, foi a correr ao gabinete do mano Paulo. Achou logo sobre a mesa de trabalho o que desejava, porque voltou immediatamente para junto do avô, trazendo na mão uma boquiilha de charuto.

— O ambar — disse então o sr. de Beaucourt — torna-se uma especie de iman sob a influencia da fricção, como te vou mostrar. Olha, rasga um papel em bocadinhos e deita-os ahi em cima da mesa.

Susana obedeceu. O avô esfregou vivamente na manga do casaco a boquiilha de ambar, e em seguida aproximou-a dos pedacinhos de papel, os quaes se lhe pegaram immediatamente, parecendo umas pequeninas borboletas attrahidas pela luz.

— Acabas de assistir a um phenomeno de electricidade — disse o sr. de Beaucourt á sua netinha.

— Ora muito bem: já me dêste a explicação das palavras telegrapho e telegramma; falta agora a da palavra electricidade.

— A tua pergunta cahe como a sopa no mel, porque é justamente d'este bocadinho de ambar que lhe vem o nome.

— Sim?!

— A primeira pessoa que descobriu esta singular propriedade do ambar, foi um habitante da Grecia, ha mais de dois mil annos. Ora, na lingua grega, ambar chama-se *electron*; e d'aqui se fez a palavra...

— Electricidade!

— Perfeitamente.

— Pois sim, avôsinho, — insistiu a incorrigivel curiosa — mas tudo isso não me explica como o telegrapho pode enviar um telegramma.

— A menina é bem impaciente! — redarguiu sorrindo o bondoso avô. — Já vae saber o que deseja.

— Ainda bem!

— Se eu entrasse na descripção minuciosa do complicado mechanismo do telegrapho, não perceberias uma palavra...

— Ora essa! — exclamou a Susaninha um tanto sentida.

— É tal e qual, minha filha, não comprehenderias mesmo nada; mas não te desconsolles, porque o mesmo succederia a qualquer pessoa no teu caso. Osapparelhos telegraphicos são muito

numerosos e diferentes, e todos os dias estão a apparecer novidades. Por isso, vou limitar-me a explicar-te em poucas palavras o principio do telegrapho, e verás que este principio, como o de todas as invenções modernas, é muito menos complicado do que parece á primeira vista. Podes suppôr que haja em Marselha uma iman de tão poderosa força, que seja capaz de attrahir um pedaço de ferro que esteja em Paris?

— De certo — respondeu Susana, mostrando que não lhe parecia inadmissivel aquella supposição.

— Bom; figuremos que temos em Marselha o tal iman. Suppõe agora que o bocado de ferro que deve ser attrahido, e que está em Paris, é uma grande agulha collocada no centro d'um mostrador. Este mostrador, em vez de ter as horas marcadas, como nos relógios, tem as vinte e cinco letras do alphabeto.

— Cá vou suppondo tudo isso.

— Agora imagina que o teu papá quer dizer-te lá de Marselha: «bom dia». Que faz elle? Com a ajuda d'um mechanismo especial, faz dirigir o iman que tem á sua disposição de maneira a attrahir a agulha que está em Paris, e com esse iman, ou ponteiro, indica no mostrador a letra B. Cá em Paris, um empregado segue o movimento da agulha, e quando a vê parar no B, escreve esta letra n'um papel. Em seguida, teu pae marca com o iman a letra O, para a qual a agulha de Paris se sente logo attrahida.

— O empregado escreve o O ao lado do B, o papá continua a fazer dirigir a agulha para as letras M D I A, e temos assim «bom dia!» — exclamou a Susaninha.

— Muito bem, muito bem! — animou o avô, muito satisfeito.

— E no espaço de duas horas teria eu recebido o bom dia do papásinho!

— Mas nota que essas duas horas foram preenchidas pelos empregados de Marselha e de Paris em receberem o telegramma, expedil-o, registal-o, mandal-o a casa da pessoa a quem era dirigido, etc.; porque a rapidez da electricidade é tal, que a letra marcada em Marselha é immediatamente indicada em Paris. É instantaneo! Pode dizer-se que a electricidade não conhece distancias. Levitaria tanto tempo em dar a volta ao mundo, como em ir d'este gabinete ao teu quarto.

— Ora essa! — exclamou a Susaninha, muito admirada. — E deve ser enorme o tal iman de Marselha, para poder fazer mover a agulha que está em Paris!

— Não é um iman, como tu imaginas, mas sim uma machina de electricidade, que os homens inventaram, e que é mais valente do que todos os imans do mundo. Esta machina chama-se pilha electrica.

— Ha ainda uma coisa que eu não percebo — declarou a Susaninha, franzindo as sobrançelhas. — Como é que esse iman, ou pilha, só attrahe a agulha de que fallaste? Parecia-me que devia attrahir todos os bocados de ferro que encontrasse pelo caminho.

— Attrahe sómente aquella agulha, porque só a ella é dirigido.

— Mas como se pode fazer isso?

— A força que lhe dá o poder de attrahir, e que se chama corrente electrica, é dirigida por um fio de cobre, de que se não pode afastar, e que chega direitinho a Paris.

— Um fio de cobre do comprimento de 873 kilometros? — observou a pequenita, recordando-se da distancia de Marselha a Paris.

— Sim, mas compõe-se de muitos fios soldados uns nos outros.

— E onde está esse fio?

— Pois não tens visto ao longo das linhas férreas uns fios sustentados por postes de madeira?

— É verdade!

— São os fios telegraphicos. Tambem os podes ver em Paris, passando por cima das casas. E ha-os igualmente por debaixo do chão.

— Ah! foi por esses que a minha amiga Adelia me mandou o outro dia um telegramma, para me prevenir que não podia vir jantar comigo...

Mas, de subito, a Susaninha interrompeu-se, mostrando-se contrariada.

— Ah! avôsinho! — disse ella — decididamente, não comprehendi nada!

— Porque dizes isso?

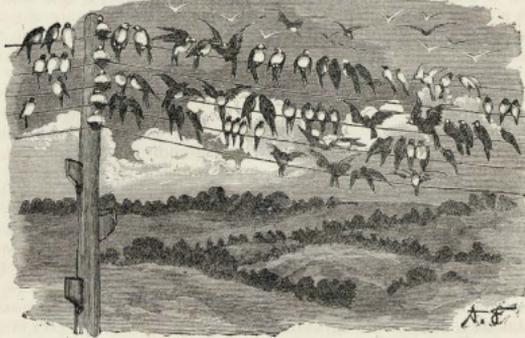
— O telegramma da Adelia estava escripto com a propria letra d'ella; ora, o papá, segundo o que me disseste, não podia escrever; portanto, não percebi a explicação!

— Socega, minha querida filha — voltou meigamente o avô, satisfeito com a contrariedade da Susaninha, que provava por aquelle modo quanto era logica nas suas deducções — socega: foi realmente a tua

amiguinha quem escreveu o telegramma, a differença é que não veio pelo telegrapho, mas sim pelos tubos atmosphericos, collocados por debaixo de Paris. O telegramma da menina Adelia foi metido com outros n'uma caixa; esta caixa foi posta á entrada do tubo que se dirige para aqui; depois, uma machina especial fez o vacuo no tubo...

— E a caixa foi aspirada! D'esta vez comprehendendo tudo, meu querido avôsinho!

(Continúa).



— São os fios telegraphicos

## A VIRTUDE PREMIADA

Ivan II, soberano de Moscovia, para mais cabalmente conhecer as necessidades do povo, costumava percorrer disfarçado os seus estados.

Era um dia de novembro, brusco, frio, triste, como costuma ser o inverno n'esses paizes.

Avisinhava-se a noite, que prometia ser frigidissima, pois que, no nordeste, vindo da Siberia e Ourales, soprava rijo e cortante, e a neve começava a cair em flocos, tão amudados e compactos, que a respiração se tornava difficilima.

Ai de quem tivesse de ficar sem o conchego da habitação e do lar! N'aquelles paizes o frio é tão rigoroso, que, se não é combatido convenientemente, produz a morte, que tambem pode ser trazida pelos ataques das numerosas alcatéas de lobos que, acossados pelo frio e pela fome, percorrem desesperados os caminhos, atacam os viandantes e invadem as aldeias e as villas.

Era, pois, ao cahir de uma d'essas noites tristonhas e perigosas, que um pobre batia de porta em porta de uma aldeia, distante algumas leguas de Moscov, pedindo, instando por que lhe dessem um canto do lar para passar a noite, e um bocado de pão para não cahir de fome.

Em vão pediu e instou, por que todas as portas se lhe fechavam com despedida desabrida e cruel.

Já o desgraçado ia tomar a resolução de arcar com os perigos da jornada até á capital, por uma tal noite, quando avistou a luzinha de uma pobre habitação, afastada de todas as outras e posta á beira da estrada real. Dirigiu-se a ella e bateu. Responderam-lhe sem azedume e abrindo a porta. Apresentou-se-lhe um camponez que, com voz agradavel e bom semblante, lhe pergunta o que pretende, e que, ouvindo o pobre, lhe diz:

— Entra, meu irmão, e de boa vontade repararemos comvosco da nossa pobre cêa e do nosso lume.

Entrou, sentou-se ao lar, junto do qual brincavam e palravam alegremente tres creanças.

O pobre camponez senta-se tambem e diz: — Meu irmão, sinto bastante que tenhaes de ser incommodado com o desassocego de uma noite em que o ceu vae brindar-me com mais um filho.

Ainda bem estas palavras não eram ditas,

o camponez é chamado de dentro, para onde se dirige logo e d'onde volta d'ahi a pouco, trazendo nos braços uma roba ta e formosa creança, que acabava de nascer.

— Vêde, vêde como é bello este filhinho da minha alma; beijae-o tambem, meu irmão, e abençoa-o, porque affiancam que a benção do pobre attrahe as felicidades do céu.

Todas as creanças accorreram a beijar e festejar o seu novo irmão, e o pobre, aproximando-se e beijando e fixando a creança, diz:

— Leio o destino d'esta creança: affirmo que será feliz!

Veiu a cêa, frugalissima, pois só era composta de pão negro, ovos e legumes. Todos comeram com appetite e ficaram saciados. As creanças recolheram-se e o hospedeiro disse ao seu hospede: — Affianço-vos que não tereis frio, porque o ar externo não penetra na casa bem calafetada, e o lar tem aquecido bem todos os aposentos. Não posso dar-vos melhor, continua elle; junto do brasido da lareira, deitae-vos na minha esteira e cobri-vos com o meu cobertor.

Deitaram-se ambos ao lado um do outro. O camponez adormeceu immediatamente, como acontece a quem tem a consciencia limpa, leva vida trabalhosa e logra boa saude. Apagara-se a luz e o aposento era tenuissimamente alumiado pelos restos do brasido do lar. O pobre, ou antes o soberano disfarçado, não pôde adormecer tão depressa. Engolfara-se em profundas reflexões.

— Grande Deus, dizia elle consigo, que paz esta, que felicidade, que virtude! Quanto isto vale mais do que a ambição e enredos e mentiras de uma côrte, onde fervilham as ambições e os despeitos!

Veiu a manhã e o hospede ergueu-se logo; e, sem esperar pelo almoço, se despediu de seu generoso hospedeiro, ao qual, porque lhe extranhava a pressa da despedida, respondeu:

— Negocios urgentes me chamam á capital; porém ainda ouso fazer-vos um ultimo pedido e espero ser attendido: é que esperéis que um amigo meu, rico e poderoso, venha ser padrinho do recém-nascido. Vou instar com esse amigo, para que me faça esta minha vontade e estou certo de que não resistirá ao meu pedido.

— Pois bem, diz o camponez, esperarei até ao meio dia, do contrario serão padrinhos a avó e o irmão mais velho do pequenito.

O pobre seguiu seu caminho, e na casa do camponez entregaram-se aos preparativos da função do baptisado, porque n'aquelle paiz é costume o baptisado ser logo feito no dia immediato ao do nascimento.

Deu o meio-dia, e como nem o pobre nem o padrinho appareciam, o camponez ia resolver partirem para a igreja, quando ao longe se ouviu o que quer que era extraordinario, musicas marciaes, tropear de numerosa cavallaria e as aclamações altisonas do povo. As creanças correm á porta e chamam pelos irmãos, pelo pae e pela avó, e todos ficam admiradissimos. Ia passar um sequito real, mas com toda a sua grandeza e galas festivas.

Passou a cavallaria numerosa, imponente,

marcial; passam os cortezãos brilhantes de vestes e plumas variegadas, até se aproximarem e pararem defronte da choupana do bom camponez os monarchas; os mais qualificados fidalgos correm apressados e respeitosos a ajudar a apeiar o imperante e sua esposa, os quaes, alegres e risonhos, logo se dirigem á cabana, a cuja porta está, entre a familia boquiaberta, o nosso camponez.

— Reconhecem-me? lhe diz o soberano. Eis-me aqui a cumprir a minha palavra. Eu sou o pobre a quem deste esta noite do teu lar e do teu pão. Vamos para a igreja.

Fallaram á mãe do recém-nascido, que festejaram como a seus irmãos. O préstito seguiu para o templo.

O soberano e sua esposa seguraram na pia baptismal a creança, que, affilhado de tão grandes príncipes, foi educado sob suas vistas e veiu a ser um illustre homem de estado, como logo tambem, por generosidade d'aquelles excellentes monarchas, o camponez se converteu em riquissimo proprietario, senhor de muitas terras, cujos servos tratava como amigos e irmãos.

D'este modo aquelle bom soberano premiou com real munificencia a hospitalidade generosa de um pobre camponez, simples, sincero, laborioso e honrado.

Meus amiguinhos, aprendei d'esta narração, quanto é valioso possuir um bom caracter. Esse pobre e rude camponez tinha dentro de sua alma um grande thesouro, d'onde, sem elle dar por isso, extrahiu as preciosidades inestimaveis das mais bellas accões. Teve por isso o premio dado pelo seu soberano e outro premio ainda maior: a alegria da sua consciencia satisfeita.

SILVA FIGUEIRA.



NO TUMULO D'UMA CRENÇA

A creancinha dormia  
No berço, tranquillamente,  
Sorrindo... tambem a gente  
Ao contemplal-a sorria.

Em sonhos, porém, um dia,  
Eterno sonho innocente!  
Viu que um anjo docemente  
A beijava e lhe dizia:

«Deus espera-te no espaço;  
«Nas rosas do meu regaço,  
«Alma purissima, vem...

E foi. Na eterna pejeja  
Da vida quem não a inveja?  
Quem a lastima?...?

Ninguem!

MACEDO PAPANÇA.

## O FORTE E O FRACO

Ao canto de uma arribana,  
Sobre um braço de feno,  
Vivia uma ratasana  
E um rato magro e pequeno.

À tarde, ás Ave Marias,  
Sabiam ambos da toca  
E andavam nas cercanias  
Passando a noite á matroca.

Ora caçavam na vinha,  
Ora dos trigos na espiga.  
— Tudo em summa lhes convinha  
Para fazer bem á barriga.

Tudo apanhavam ; depois,  
Quando a caçada era feita,  
Voltavam p'ra casa os dois  
A repartir a colheita.

Se acaso a presa luzia,  
Felizes de ambos os brutos,  
Pois sempre ao rato cabia  
Em que rilhar uns minutos.

Porém a coisa mudava,  
Quando a caçada era pouca,  
E o pobre rato ficava  
Fazendo cruces na bocca.

Ás vezes o paciente,  
Morto de fome e canceira,  
Queixava-se amargamente  
Contra a cruel companheira.

Mas esta, rindo de mofa  
Do triste rato coitado,  
Volvia em tom de galhofa :  
— Porque nasceste enfiado ?...

— Porque te insurges, velhaco,  
Contra os ditames da sorte,  
Se eternamente hade o fraco  
Ser um escravo do forte ?...

E o rato jamais se anima  
A retorquir á collega,  
Quando não, inda por cima,  
Apanhava a sua esfrega...

Um dia os dois — certamente  
Porque apertava a lasceira —  
Cahiram ingenuamente  
Dentro da atroz raticeira.

O rato, a quem a gordura  
Não faz mui pesada carga,  
Fugiu por uma abertura  
Onde a grade era mais larga.

A ratasana, um collosso  
Vergando ao peso da pansa,  
Ficou p'ra servir de almoço  
Aos gatos da visinhança...

N'estas estrophes se ensina  
Moral que o conto enriquece :  
— Nem sempre o forte domina,  
Nem sempre o fraco padecer...

D. MARIA DO Ó.



## ALEGRIAS

Um ladrão que ia a enforcar, vendo a grande multidão de gente que corria para o local da execução, disse :

— Não se apressem tanto, que, sem mim, não se faz lá nada.

Disseram a Calino que tinha morrido o seu amigo Fulano, de Setubal.

— Não pôde ser — respondeu Calino — aliás elle tinha-me escripto, pois costuma dar-me noticia de tudo que se passa por lá.

## HORAS ENTRETIDAS

26 — CHARADA NOVISSIMA

Na musica esse rio é planta — 1, 1.

27 — CHARADA NOVISSIMA

Em Alverca e na vinha ha uma planta — 2, 2

28 — ADIVINHAÇÃO

FANTOCHE.

Não bebo vinho, porque não tenho agua, e como não tenho agua, bebo vinho.

AZOUGUE.

29 — LEXICOLOGIA

(A AZOUGUE)

*cardo — brio — acha — bafó — ella — velha — rama — leito — rato — bolo — aia — antiga — dôr — astro — cha — ovo — alvo — fogo — raça — brigar — arco — isto — dolo — ama — pera — ouro — levar.*

Accrescentar a cada uma d'estas palavras uma inicial, de modo que fiquem outras palavras ; e com as iniciais que se accrescentarem, formar um proverbio conhecido.

Vizeu.

O PEQUENO ANTONINHO.

30 — CHARADA

É tão terno, sendo doce — 1

Como doce, sendo terno — 1

É tão doce, sendo breve,

Como amargo, sendo eterno.

31 — CHARADA

Agua molle, em pedra dura — 1

Tanto dá até que fura — 2

Sempre accete ; mas no entrudo

E que faz maior figura.

ZÉ FERINO.

32 — PERGUNTA INNOCENTE

O que é que se deixa queimar para guardar um segredo ?

## SOLUÇÃO DOS PROBLEMAS

15, Pecego. — 16, Calafeto. — 17, Curado.

18,

RARA

AFIM

RIMA

AMAR

19, Limonada. — 20, Roma ; Agudeiro ; Verdeneiro. — 21, Uma cadeira. — 22, Quatro gatos. (Cada cinto tinha um gato, diante de cada gato tres gatos ; é claro que cada um d'elles tinha diante de si tres gatos ; sobre o rabo de cada gato, um gato : era o mesmo gato, que estava sentado. Ao todo quatro gatos, nem mais, nem menos.)

23,

G

A

BANDA

I

V

E

T

E

24, Entrelinha. — 25 (que por engano sahíu com o n.º 28), Qual o rei tal a gri.